

## REGIONALISMO, IDENTIDADE E ENSINO: UM ESTUDO SOCIO-LEXICAL APLICADO ÀS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Eduarda Ferreira da Silva (AC – mariaduda1702@live.com)\*, Anderson Braga do Carmo (PO).

<sup>1</sup>Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Sudoeste – Sede Quirinópolis. Avenida Brasil, nº 435, Conjunto Hélio Leão, CEP: 75860-000, Quirinópolis, Goiás.

**Resumo:** A presente pesquisa teve o objetivo de fomentar uma reflexão sobre a relação entre variação linguística e identidade, a partir da elaboração e aplicação de uma sequência didática em uma turma de Ensino Médio, de uma escola pública e estadual da cidade de Quirinópolis, em Goiás. Para tanto, o estudo constituiu-se no âmbito da Sociolinguística em articulação com a Lexicologia, para se refletir sobre a relação entre língua, sujeito e identidade regional. Desse modo, buscou-se descrever o imaginário linguístico estabelecido pelos alunos, no que se refere aos regionalismos lexicais goianos, e identificar os estigmas e os preconceitos presentes nas falas dos estudantes. Os pressupostos teóricos da pesquisa fundamentaram-se nos estudos de Antunes (2007; 2009), Bagno (1999; 2012), Bakhtin (1992), Basilio (1980), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2003; 2015), Silva (1997), entre outros estudiosos das áreas teóricas mobilizadas. Essa pesquisa constituiu-se dentro de uma abordagem qualitativa e evidenciou um pensamento crítico sobre a ideia de erro e estigma, geralmente relacionados aos regionalismos lexicais e ao sotaque goianos. Logo, ao final do estudo realizado, foi possível compreender como a escola destaca-se como instituição fundamental para se verificar o imaginário social dos sujeitos sobre a língua, bem como para conscientizá-los sobre o preconceito linguístico e a necessidade de atenuar os seus efeitos na sociedade. Visto isso, é importante salientar que a sequência didática aplicada permitiu aos estudantes constituírem-se enquanto autores e pesquisadores, ao fazerem refletir sobre o saber lexical goiano por meio de atividades que os colocavam como protagonistas do processo de aprendizagem. Então, ao apreendermos a relação entre léxico, variação e sociedade foi possível elucidar, em âmbito educacional, que a língua é um dos principais aspectos caracterizadores da identidade dos sujeitos.

**Palavras-chave:** Regionalismo. Escola. Lexicologia. Sequência didática. Sociolinguística.

### Introdução

Com base na articulação da Sociolinguística com a Lexicologia, o estudo em tela teve o objetivo de refletir sobre o ensino do léxico na aula de língua portuguesa, recortando como objeto de reflexão a categoria dos regionalismos. Desse modo, apresentamos, por ora, apenas um recorte da presente pesquisa, que ainda está em desenvolvimento.

O estudo busca fomentar um pensamento crítico sobre a relação entre variação linguística e a identidade do sujeito goiano, a partir da elaboração e da aplicação de uma sequência didática em séries finais do Ensino Médio, em uma determinada escola de rede pública estadual, na cidade de Quirinópolis, interior do estado de Goiás.

Tomando como base as pesquisas e os estudos já realizados sobre o ensino de língua portuguesa, foi possível reparar que há muito tempo esse ensino acontece

de maneira mecanizada e gramaticista, uma vez que tem o único objetivo de ensinar a norma padrão, na percepção engessada e dicotômica entre o certo e o errado perante o normativo da língua portuguesa. Para Bakhtin, (1997, p. 124), a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, e não no sistema linguístico abstrato das formas da língua, ou no psiquismo individual dos falantes.

Dessa forma, a contribuição do autor foi um estopim para compreender que a substância da língua é constituída principalmente pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através das enunciações entre os falantes. Trazendo para nossa realidade, o ensino de língua dentro da instituição escola não será completo e efetivo se desconsiderar o fenômeno social e as muitas variantes que marcam a língua tal como utilizam os estudantes.

Atualmente, o ensino replica uma visão estigmatizada e idealizada, do ponto de vista social e linguístico, e assim fomenta um imaginário preconceituoso sobre as contribuições regionalistas para estes estudantes. Logo, a nossa proposta didática visa a contribuir com a atenuação deste estigma e do preconceito linguístico presente em discursos pedagógicos e sociais que não reconhecem o fenômeno da variação linguística. Também, é visto que um discurso normativo sobre a língua, preponderante na escola, silencia a questão da regionalidade linguística e a designa enquanto “erro” ou “vício de linguagem”, ao passo que deveria contribuir para a compreensão desta enquanto elemento constitutivo da identidade do sujeito, o que esta proposta almeja realizar.

Foi com base nessa inquietação social, e também pessoal, que sentimos a necessidade de realizar um estudo preciso, e que conseguisse diagnosticar quais são os efeitos de sentido que os estudantes das séries finais do Ensino Médio estabelecem para a língua que falam cotidianamente, em comparação com a que se deparam geralmente na escola, e como o léxico pode contribuir com a percepção da regionalidade e sua relação com a identidade do aluno enquanto sujeito goiano.

Ao considerar a necessidade de se discutir aspectos silenciados em nossa sociedade pela imposição de padrões que se refletem também na língua, o estudo buscou identificar estigmas sociais e linguísticos que contribuem para a manutenção de preconceitos, e trabalhá-los a partir da perspectiva da Sociolinguística. É preciso que se faça compreender na escola que o fenômeno da variação linguística é legítimo

e também um aspecto caracterizador de uma língua que está em pleno funcionamento.

A presente pesquisa pode ser usada como recurso na prática docente, e para ajudar outros acadêmicos que tenham interesse em estudar assuntos relacionados à linguística e ao regionalismo no interior goiano. A partir da elaboração da sequência didática, foi possível refletir e estabelecer uma proposta que visa transformar a realidade das aulas de língua materna em uma prática que vai muito além da gramática normativa, trazendo-se o reconhecimento de que os alunos são sujeitos pertencentes a uma determinada cultura, regionalidade e etnia, o que se concretiza pela linguagem.

Os pressupostos teóricos da pesquisa fundamentaram-se nos estudos de Antunes (2007; 2009), Bagno (1999; 2012), Bakhtin (1992), Basilio (1980), Bortoni-Ricardo (2004), Faraco (2003; 2015), Silva (1997), entre outros, que são pesquisadores indispensáveis para se pensar a relação entre linguagem, regionalismo e sociedade, considerando-se a sua especificidade teórica.

### **Considerações Metodológicas**

A Língua Portuguesa do Brasil, assim como é conhecida atualmente, é fruto de um processo exploratório e colonizador causado pelos portugueses a partir do século XV. A língua trazida por eles foi mais afluída nas regiões litorâneas, área com mais interação comercial e cultural com a metrópole portuguesa, fazendo com as heranças linguísticas dos povos indígenas e depois africanos perpetuassem apenas no substrato da língua portuguesa atualmente falada no país. De acordo com Basseto (2001, p.11), o substrato são as marcas linguísticas deixadas pelo povo vencido para a língua com maior prestígio.

Esse processo eufêmico é uma forma de dizer que a cultura de um povo, a sua identidade e linguagem foi submersa por outra dominante. No Brasil, por exemplo, as línguas indígenas e as línguas advindas da África, ao se articularem com a língua portuguesa europeia, foram responsáveis por estabelecer uma identidade ao português, o que diferencia simbolicamente o nosso português de outros falados no mundo.

Porém, ao observar essa língua em uso na sociedade, na oralidade, é possível constatar que dentro de um país com um território tão vasto quanto o Brasil, o regionalismo, principalmente em decorrência da linguagem urbana e rural, fortemente ligada à produção econômica das regiões, é responsável por uma série de variantes que se distanciam da norma culta, e da língua “oficial” descrita nas gramáticas prescritivas. Por esse motivo, há um ideal padronizado, que classifica como errôneo e com teor pejorativo o fenômeno da variação linguística. Para Bagno:

Ninguém comete erros ao falar sua própria língua materna, assim como ninguém comete erros ao andar ou ao respirar. Só se erra naquilo que é aprendido, naquilo que constitui um saber secundário, obtido por meio de treinamento, prática e memorização: erra-se ao tocar piano, erra-se ao dar um comando ao computador, erra-se ao falar/escrever uma língua estrangeira. A língua materna não é um saber desse tipo: ela é adquirida pela criança desde o útero, é absorvida junto com o leite materno. (BAGNO, 1999, 29.)

Para o autor, o falante nativo da língua possui propriedade para utilizá-la, e no momento da fala não se deve considerar as especificidades da língua enquanto erros e inconformidades, pois a oralidade é o campo responsável por marcar a identidade do sujeito, com todos os seus substratos culturais, vivências de mundo, localidade, grupo social, ao mesmo tempo em que garante uma comunicação efetiva.

Dessa forma, se torna possível pensar na variação linguística como um processo identitário. Le Page (1980), afirma que todo ato de fala é um ato de identidade, e o seu uso depende de algumas condições, sendo a principal delas a que diz que o falante deve ter capacidade de identificar o grupo da sua referência e ter acesso às regras sociolinguísticas deste. Em outras palavras, o sujeito deve conhecer as suas origens, e os motivos pelos quais fala de determinada forma ao se apropriar com orgulho das suas marcas culturais, para se sentir pertencente ao grupo.

Diante do exposto, e visando pensar em como os processos de ensino e de aprendizagem podem ser determinantes na formação da identidade do sujeito, é que a sociolinguística foi mobilizada nesta pesquisa, já que essa ciência trata de assuntos identitários e dialetais, ao mesmo tempo em que tenta compreender o processo de variação da língua em decorrência de fatores como: a faixa etária, o grupo socioeconômico a que o sujeito pertence, grau de escolarização e o meio em que vive. Para Antunes:

Em qualquer língua, de qualquer época, desde que em uso, ocorreram mudanças, em todos os estratos, em todos os níveis, o que significa dizer que, naturalmente, qualquer língua manifesta-se num conjunto de diferentes falares que atendem às exigências dos diversos contextos de uso dessa língua. (ANTUNES, 2009, p. 22).

Nessa perspectiva, pode-se associar a língua à finalidade não só de garantir a comunicação entre os falantes, mas também de identificá-lo socialmente. Se a comunicação acontece, atendendo-se as exigências dos sujeitos, que conseguem se entender e dialogar, então, as variedades e as mudanças presentes na língua não podem ser consideradas erradas ou prejudiciais.

Mas, qual seria o papel da instituição escola para o despertar da identidade no sujeito? Pensando nessa indagação, foi possível realizar o trabalho que uniu sociolinguística e educação em uma experiência prática. Na obra intitulada *Nós chegemu na escola e agora?* (2004), Stella Maris Bortoni afirma que a escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas, logo, os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de falar a mesma coisa.

Os alunos que chegam à escola falando “nós chegemu”, “abrido” e “ele drome”, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes de prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de fecharem para eles as portas, já estreitas, da ascensão social. O caminho para a democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 15).

Essa contribuição da autora torna possível delimitar a importância desse estudo para a formação identitária do sujeito enquanto falante. Essa pesquisa realizada dentro da sala de aula permite a utilização de recursos pedagógicos que envolvam os alunos, mas que também escute de maneira individualizada a realidade de cada estudante, para perceber como esse processo de hegemonização da língua dominante funciona não só como forma de preservar o preconceito linguístico, mas também para silenciar vozes, culturas, vidas e dificultar o acesso dessas pessoas a determinados privilégios.

Dessa forma, a pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso de natureza explicativa e com abordagem qualitativa dos dados. A sala escolhida para aplicação do projeto, conta com 27 alunos, sendo a maioria estudantes do sexo feminino.

A aplicação do estudo foi dividida em três aulas. Em um primeiro momento foi realizada uma investigação para estabelecer quais os estigmas que os estudantes possuíam referente a sua língua materna, abordando o regionalismo e como ele é capaz de construir a identidade de um povo. A segunda aula abordou a identidade goiana através da produção literária de Cora Coralina, especificamente o poema “Todas as Vidas”, presente no livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, publicado em 1983. A título de ilustração, vejamos alguns versos na qual a autora descreve a vida de uma mulher goiana:

Vive dentro de mim  
A mulher roceira.  
Enxerto de terra,  
Trabalhadeira.  
Madrugadeira..  
Analfabeta.  
De pé no chão.  
Bem parideira.”  
(CORALINA, 2003a, p. 31-33).

A escolha do texto para a sequência didática se deu devido à grande mobilização do léxico regionalista e também para que fosse possível elucidar que tais elementos da língua não devem ser desprezados, constituindo, por exemplo, obras literárias de muito valor.

Por fim, em uma terceira aula, realizou-se o trabalho de discussão sobre regionalismo e foi proposto a produção de verbetes lexicográficos como proposta avaliativa sobre o conteúdo trabalhado ao longo da aplicação do estudo.

## Resultados e Discussão

Os resultados colhidos até o momento são provindos da aplicação das duas primeiras aulas aplicadas. Na primeira aula, foi entregue aos alunos um questionário com as seguintes indagações: “O que é “Língua” para você?”, “O que você aprendeu na escola sobre ela?” e “Você domina a Língua Portuguesa?”. A resposta do aluno 1 foi: “Algumas coisas eu domino na Língua portuguesa, mas tem umas coisas que são mais complexas.” Com base nessa resposta, podemos identificar que o falante nativo da língua, apesar de “consumi-la junto ao leite materno”, como afirma Bagno (1999 p.

29), tem a sensação de que não a domina em todos os âmbitos, ainda que essa constitua até mesmo a sua essência enquanto sujeito.

Em consequente, a proposta da segunda aula tentou delinear o acervo lexical que esses alunos possuem, através da escolha e definição de verbetes regionalistas. Alguns exemplos observados foram os que apresentamos no quadro abaixo:

<b>Quadro 1 – Regionalismos apresentados pelos alunos</b>	
<b>Regionalismo</b>	<b>Verbete</b>
Calundú	É o ato de uma criança começar a chorar para conseguir algo que quer ou quando está querendo algo que não pode ter ou pegar. Ver: birra.
Picar a mula	Ir embora para casa. Ver: sair.

Fonte: Autoria nossa, 2023.

Dessa forma, a medida em que mobilizamos os conhecimentos da sociolinguística e da lexicografia para se trabalhar com a variedade goiana da língua, contribuimos com a gramatização da língua portuguesa em Goiás, seja pelo trabalho de descrição e instrumentação que efetivamos, seja pelas discussões que promovemos, as quais contribuem também com uma conscientização sobre o uso da língua portuguesa, e a sua pertinência para a constituição de uma identidade goiana pela língua.

Ademais, a escola mostrou-se como um espaço significativo para a se realizar a mudança de pensamento que queremos propor, seja na tentativa de combater o preconceito linguístico e os estigmas sociais, seja na proposta de se trabalhar conteúdos transformadores da sociedade, tornando-a mais inclusiva e democrática.

### **Considerações Finais**

A pesquisa segue em andamento, porém, nesse momento já é possível concluir que é muito legítimo pensar que o ensino da língua materna precisa considerar as variantes e os sujeitos que a utilizam. Pelas aulas e pelas respostas analisadas, notamos que os alunos possuem ainda uma compreensão totalmente gramaticista do que seja a língua portuguesa, ignorando seu pleno funcionamento (ou não o

conhecendo), e só reproduzindo o discurso da hegemonia linguística. Logo, o trabalho realizado tem buscado alterar essa realidade, já perceptível nos trabalhos realizados pelos alunos nas últimas aulas realizadas, o que faz da pesquisa sociolinguística aplicada ao contexto da sala de aula uma necessidade social e educacional.

### Agradecimentos

A Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho. A minha querida mãe, que é meu alicerce. Ao meu saudoso pai, a quem devo muito do que sou como ser humano. Ao meu esposo, por todo apoio e conforto. Na oportunidade, agradeço as amigas que fiz, e com quem tive oportunidade de dividir esses quatro anos de faculdade, obrigada por não soltarem minha mão, quando pensei que não conseguiria seguir. Ao meu orientador, Anderson Braga do Carmo, por tantos ensinamentos e por cativar em mim o interesse pela pesquisa e por ter paciência durante o processo.

### Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, Texto e Ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial, 2009, p. 22, 25.

\_\_\_\_\_. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Lingüístico**: o que é, como se faz. São Paulo: edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2012.

BASSETTO, Bruno F. A formação das Línguas Românicas. In: \_\_\_\_\_. **Elementos de filologia românica**: história externa das línguas. V. 1. São Paulo: EDUSP, 2001, p. 152-176.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora?** São Paulo: Parábola, 2004.

**CORALINA**, Cora. Poemas dos becos de Goiás e estórias mais, Global Editora, S.Paulo, Brasil, 1983.



LE PAGE, R. B. **Projection, Focusing and Diffusion**. NovaYork: York Papers in Linguistic. V.9, 1980.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. **Contradições no Ensino de Português**. São Paulo: Contexto; Salvador: Ed. da UFBA, 1997.

ZABALA, A. **A prática educativa**: como ensinar. Trad. Ernani F. da Rosa –Porto Alegre: ArtMed, 1998.